DOI: https://doi.org/10.61895/pl.v19i36.22854

COMENTÁRIO CRÍTICO DA OBRA "DEPOIS DA TEORIA: UM OLHAR SOBRE OS ESTUDOS CULTURAIS E O PÓS-MODERNISMO". TERRY EAGLETON E A ESPANTOSA ATUALIDADE DE SEU PENSAMENTO

Marcos Silva
Prof. Titular do Departamento de História da UFS
Universidade Federal de Sergipe
silva.marcos@uol.com.br
Líder do EMar: Entrelinhas Marranas:
Grupo de Estudos e Pesquisas em Contra-História e Culturas Subterrâneas
https://sites.google.com/view/emarranas/in%C3%ADcio

Resumo

A comunicação traça o contexto histórico que influenciou Terry Eagleton a propor um novo tipo de pensamento para a época atual. Escolhendo o fundamentalismo como um dos principais alvos de seu combate, Eagleton aborda as conquistas da Teoria Cultural e defende um fundamento materialista para a moralidade. Seu esforço principal é demonstrar a necessidade de um novo fundamento teórico para a experiência humana no início do terceiro milênio.

Palavras-Chave: Teoria Cultural; Pós-Modernismo; Terry Eagleton.

CRITICAL COMMENTARY ON TERRY EAGLETON'S "AFTER THEORY: A LOOK AT CULTURAL STUDIES AND POSTMODERNISM" AND THE ASTONISHING TIMELINESS OF HIS THOUGHT

Abstract:

The communication traces the historical context that influenced Terry Eagleton to propose a new thought type for the current time. Choosing the fundamentalism as one of the principal objectives of your combat, Eagleton approaches the conquests of the Cultural Theory, and it defends a materialistic bedding for the morality. Your main effort is to demonstrate the need for a new theoretical foundation for the human experience in the beginning of the third millennium.

Key-Words: Cultural theory; Postmodernism; Terry Eagleton

Introdução

O texto que você está tendo acesso agora foi escrito em 2007, porém nunca foi publicado. Contudo, após quase vinte anos de sua elaboração, está se revelando extremamente atual, daí o motivo de decidir publicá-lo agora. Na ocasião, recém-chegado ao Departamento de História da UFS (Universidade Federal de Sergipe), o Professor Dr. Fernando de Araújo Sá, como líder do Grupo de Pesquisa História Popular do Nordeste, organizou um Curso de Extensão e convidou-me para apresentar um livro da destacada obra do teórico da literatura inglês, Terry Eagleton (1943 -). É espantosa a atualidade da obra desse prolífico escritor, por isso decidimos atualizar o texto e, finalmente, publicá-lo.

Dialogar com a obra de Terry Eagleton é uma tarefa que exige um mínimo de maturidade intelectual. Além de recorrer com frequência à literatura inglesa, ele também se apoia na Filosofia, na História e até no conhecimento bíblico.

"Depois da Teoria: Um olhar sobre os Estudos Culturais e o Pós-Modernismo" foi publicado originalmente na Inglaterra em 2003 e reúne as reflexões do autor impactado pela nova situação mundial provocada pelo 11 de Setembro de 2001. Logo no início do primeiro capítulo (Eagleton, 2005, p. 14), pergunta: "Que tipo de novo pensar é demandado pela nova era?".

Esta pergunta inicial esclarece o sentido geral da obra. Além deste marco histórico bem delimitado, ou seja, o mundo pós-contemporâneo marcado pelo enfrentamento do terrorismo, minha perspectiva de historiador determinou que iniciasse o comentário da obra identificando os elementos do contexto histórico que estruturam temporalmente a reflexão do autor.

Contexto Histórico

A percepção do *Zeitgeist* [espírito de época], anunciada por (Eagleton, 2005, p. 20) é de "uma nova e ameaçadora fase de política global", inaugurada em 2001. Como professor de Teoria Cultural, o aspecto que Terry Eagleton destaca é, obviamente, o cultural, mas é fácil perceber que o mesmo é inserido na categoria do complexo sócioeconômico e político-cultural. Ao se referir aos "pós-modernos anos 80 e 90", revela este entendimento ao afirmar:

"À proporção que os grandes negócios se tornavam culturais, cada vez mais baseados em imagem, embalagem e apresentação, a indústria da cultura tornou- se um grande negócio." (EAGLETON, 2005, p. 69).

Neste primeiro aspecto que diz respeito à lógica comercial que está sendo imposta à produção cultural, o texto ressente-se de um aprofundamento sobretudo no que diz respeito à tendência crescente para a concentração econômica da informação. Hoje, 07 (sete) grandes corporações transnacionais de mídia[1] dominam a produção cultural mundial e as consequências deste fato para a democracia não podem ser olvidadas em uma análise da situação global que toma o aspecto cultural como eixo principal.

Isto porque:

> No campo da mídia, a concentração tende a consagrar como doutrina da moda o sinergismo que padroniza a informação, as ideias e a cultura, ao articular as ações multinacionais de subsidiárias de televisão, cinema, livros, jornais, revistas, vídeo, discos. A nova religião dos impérios transnacionais da mídia patrocina uma espécie de linha de montagem que sufoca a criatividade, a liberdade de expressão e a imprensa livre (Ferreira, 1991, p. 165).

Passando por cima das causas e se fixando nas consequências do monopólio da produção cultural, (EAGLETON, 2005, p. 79) descreve esta história recente: "Quanto mais o sistema espalhava uma cultura deprimentemente uniforme por todo o planeta, mais os homens e mulheres agressivamente defendiam a cultura de suas nações, regiões, vizinhanças ou religiões."

Esta dialética atual é representada, de um lado, pela constatação do surgimento das "identidades globalizadas" e, de outro, pelo "enrijecimento de identidades locais", segundo expressão de Suely Rolnik (Rolnik, 1996).

O interessante é que a percepção deste duplo movimento por parte de Terry Eagleton se assemelha ao pensamento de Samuel Huntington, que em seu livro "O Choque de Civilizações: E a Recomposição da Ordem Mundial" também acusou um "processo de indigenização", ou seja, de valorização das diversas civilizações através de seus elementos culturais essenciais,

[1] São eles: Bertelsmann (Alemanha); Rede Globo (Brasil); Televisa (México); Viacom (EUA); News Corp. (Austrália); ABC-Disney (EUA); Time-Warner (EUA). Fonte: Caderno Mais. Folha de São Paulo. 09 de Março de 1997.

como a religião.

Este fenômeno foi intitulado por Peter Drucker de tribalismo e por John Naisbitt de "paradoxo global". Na realidade, Terry Eagleton utiliza esta constatação para identificar um dos principais elementos contra o qual aponta suas armas, ou seja, o fundamentalismo.

Na perspectiva do autor, o capitalismo tem destruído brutalmente comunidades tradicionais, quebrado barreiras nacionais e gerado gigantescas ondas de migração. O fundamentalismo seria a forma que a cultura encontrou de levantar "a cabeça em reação a esses distúrbios arrasadores" (Eagleton, 2005, p. 79).

O fundamentalismo, segundo Terry Eagleton, "é uma questão de textualidade. É uma tentativa de validar nosso discurso, apoiando-o no padrão-ouro da Palavra das palavras, vendo Deus como o avalista final do significado". Para ele "tanto a versão islâmica quanto a cristã do fundamentalismo denunciam a idolatria, embora ambas idolatrem um texto sagrado." Mesmo reconhecendo que "faz parte de sua essência a literalidade de interpretação", defende que o fundamentalismo envolve também "uma estrita adesão a doutrinas e crenças tradicionais", tidas como imutáveis (Eagleton, 2005, p. 271).

Uma conclusão interessante do autor é que o pós-modernismo, o outro fenômeno cultural contra o qual Terry Eagleton se debateu na obra, logo após haver proclamado que as grandes narrativas da história estavam esgotadas, presenciou "uma dessas narrativas, peculiarmente feia", ser "lançada na guerra entre o capital e o Alcorão – ou uma caricatura daquele texto" (Eagleton, 2005, p. 82).

No entanto, engana-se quem, evocando o tantas vezes repetido pensamento marxiano "a religião é o ópio do povo", procura encontrar nesta obra de Terry Eagleton apenas condenações ao fenômeno religioso. Na visão de Terry Eagleton, "a religião tem sido, no curso da história humana, um dos mais preciosos componentes da vida popular, mesmo que, incomodamente, quase todos os teóricos da cultura popular a ignorem" (Eagleton, 2005, p. 140).

Para ele, estamos longe de uma era pós-religiosa. Acertadamente reconhece que:

> (...) Na maior parte do globo, incluindo muito dos Estados Unidos, a cultura nunca expulsou a religião. (...) No planeta em geral, ainda é, de longe, a forma simbólica mais engenhosa. À medida que homens e mulheres sentem- se mais vulneráveis e desprezados, podemos esperar a escalada de feios

> fundamentalismos religiosos de várias ordens. A era em que a cultura buscou fazer o papel de sucedâneo da religião talvez esteja chegando ao fim. Talvez a cultura, pelo menos a esse respeito, tenha finalmente admitido a derrota (Eagleton, 2005, p. 142).

Neste sentido, é apropriado o diagnóstico do autor que, apesar de não ser uma novidade para os analistas do cenário contemporâneo, é uma constatação indispensável para o entendimento do mundo de hoje. Ou seja, o fato de que "o governo dos Estados Unidos está, neste momento, nas mãos de extremistas e fundamentalistas semifanáticos..." (Eagleton, 2005, p. 206). Percebam que ele escreveu isso antes do primeiro governo Trump, que ocorreu de 20 de janeiro de 2017 a 20 de janeiro de 2021, e vinte anos antes do segundo governo Trump, neste momento comemorando cem dias de uma gestão ultraconservadora.

No entanto, o diagnóstico da situação estadunidense é aprofundado quando o autor identifica a cisão que divide a sociedade norte-americana em dois blocos. Ou seja, o fundamentalismo e o pragmatismo.

Arremato esta contextualização histórica com aquilo que identifico como o ponto principal no diagnóstico de nosso tempo traçado por Terry Eagleton: o reconhecimento de que "as próprias fundações" da civilização cristã ocidental estão sob fogo. No entanto, o autor não encontra escapatória em nenhuma das duas tendências que se digladiam na principal nação cristã ocidental. De um lado, por que o fundamentalismo é visto pelo autor como uma "forma de reação desesperada e doentia", e de outro, o pragmatismo, segundo o autor, "parece resposta demasiado leve e indulgente" (Eagleton, 2005, pp. 296, 295).

Um novo pensar

Talvez agora, depois de esclarecermos o pano de fundo histórico sobre o qual o autor trabalha, possamos entender melhor o sentido do título do livro e algumas ênfases do mesmo. No início do primeiro capítulo, esclarece que "se teoria significa uma reflexão razoavelmente sistemática sobre as premissas que nos orientam, ela permanece tão indispensável quanto antes." (Eagleton, 2005, p. 14). E na última página, ele arremata: "Não podemos nunca estar 'depois da teoria', no sentido em que não pode haver vida humana reflexiva sem ela. Podemos simplesmente ir esgotando estilos de pensamento particulares à medida que muda nossa situação" (Eagleton, 2005, p. 297).

Com isto, ele quer dizer que, embora o pensamento pós-moderno possa estar em seus momentos finais, o marxismo tenha vivido uma crise em decorrência do stalinismo, do radicalismo político do final dos anos 60 e início dos 70, com a queda do muro de Berlim e pelas mudanças ocorridas no próprio capitalismo, e que a candidata a sua sucessora, a teoria cultural, tenha falhado por olvidar temas essenciais como a moralidade, a metafísica, o amor, a religião, a revolução, o mal e a verdade, novos desafios são propostos à teoria cultural (Eagleton, 2005, p. 61, 62).

Estes desafios implicam recursos adequados, "tão profundos e abrangentes quanto a situação que confronta" (Eagleton, 2005, p. 61, 62), romper com a ortodoxia e explorar novos tópicos outrora olvidados. É exatamente o novo tipo de pensar que Terry Eagleton quer demonstrar, através do livro, ser necessário às condições do mundo atual. Ora, se identificamos na referência de Terry Eagleton à crise das fundações da civilização cristã ocidental seu principal *insight* histórico, a importância que o mesmo confere ao movimento feminista em seu livro é coerente com este diagnóstico. Atingindo o cerne desta questão, Richard Tarnas afirma: "*A crise do homem moderno é essencialmente uma crise masculina*, mas acredito que já esteja ocorrendo sua solução, com a extraordinária emergência do feminino em nossa cultura." (Tarnas, 2001, p. 469).

Analisando a efervescência que tomou conta das décadas de 1960 e 1970, num clima de revolução cultural, mostra o papel desempenhado pelo feminismo nesta época ao dizer que "o movimento das mulheres acumulou algumas notáveis conquistas, sofreu alguns sérios malogros e alterou muito do clima cultural do Ocidente, tornando-o quase irreconhecível" (Eagleton, 2005, p. 48). Noutro lugar, admite que o feminismo não apenas transformou a paisagem cultural, mas também se tornou "o próprio modelo de moralidade para nosso tempo" (Eagleton, 2005, p. 28).

Continuando com esta leitura transversal, que foi sistematizada procurando inventariar os principais temas abordados pelo autor, após identificarmos seu embate contra o fundamentalismo, evidenciarmos seu objetivo principal e estabelecermos a lógica de sua valorização do feminismo, ressalta-se a avaliação que o mesmo faz do estado atual da teoria cultural. Terry Eagleton inicia o livro com esta declaração: "A idade de ouro da teoria cultural há muito já passou" (Eagleton, 2005, p. 13). E intitula o segundo capítulo de "A ascensão e queda da teoria". Na verdade, a principal crítica que é dirigida à teoria cultural se encontra no primeiro capítulo, "A política da amnésia", onde o autor acusa a "ausência de memórias de ação

política e coletiva" dos militantes operários, estudantes e pacifistas (Eagleton, 2005, pp. 21 e 27).

Na visão de Eagleton, a consequência disto pode ser traduzida em pesquisas que se dedicam ao estudo de seriados televisivos como *Friends*, "enquanto metade da população mundial carece de condições sanitárias adequadas e sobrevive com menos de dois dólares por dia." (Eagleton, 2005, pp. 19, 20).

Na realidade, quando os estudos culturais estabeleceram a cultura como terreno de luta, a intenção era demonstrar,

> como o poder está organizado através do enorme número de aparatos culturais que vão desde as bibliotecas, os cinemas e as escolas até os conglomerados *hightech* da mídia que fazem circular signos e significados através de jornais, revistas, publicidade, programação eletrônica, máquinas, filmes e programas de televisão (Giroux, 1995, pp. 135, 136).

Neste sentido, é que o mesmo afirma que:

> Não há como fugir da política da representação; além disso, as questões de textualidade, significado e identidade não podem ficar limitadas à academia ou subordinadas às questões, supostamente mais 'sérias', dos baixos salários, da pobreza, dos cuidades com as crianças e das preocupações materiais (Giroux,1995, p. 135).

O pensamento que defende o campo cultural como espaço legítimo de luta se reforça quando se percebe a interrelação entre as ditas "questões políticas" e os universos simbólicos industrialmente construídos. Na explicação de Peter McLaren:

> Em nossa cultura pós-moderna predatória e hiperfragmentada, a democracia é mantida através do poder de controlar a consciência e de semiotizar e disciplinar corpos através do mapeamento e manipulação de sons, imagens e informações e de forçar a identidade a refugiar-se em formas de subjetividade crescentemente experienciadas como isoladas e separadas de contextos sociais maiores (Mclaren, 2000, p. 106).

Apesar desta crítica, Terry Eagleton elenca as conquistas da Teoria Cultural, a saber: os discursos sobre gênero e sexualidade, que assumiram importância política. Também os chamados estudos pós-coloniais e sobre cultura popular.

Consubstanciando-se nos anos 1960 e 1970 como uma crítica ao marxismo clássico, atingiu seu

apogeu por volta de 1980, e tornou-se "a continuação da política por outros meios." (Eagleton, 2005, p. 51). Neste sentido, ele cita a importância de grupos, como a Escola de Frankfurt, que se voltaram para questões culturais e filosóficas.

Ele cita como o Marxismo Ocidental através de Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Theodor Adorno, dentre outros, contribuiu para os estudos culturais.

Dentre as realizações da Teoria Cultural reconhecidas pelo autor, merece destaque a sua função questionadora do domínio da utilidade, da funcionalidade, agindo como "uma preciosa reminiscência da utopia", lembrando que "havia coisas que tinham valor, mas não preço" (Eagleton, 2005, p. 139).

No início dos anos 1990, surge uma consequência importante deste processo: o nascimento da "política cultural". Na explicação do autor:

> Há muito havia sido reconhecido em círculos radicais que a mudança política tinha que ser 'cultural' para ser efetiva. Qualquer mudança política que não se entranhe nos sentimentos e nas percepções das pessoas – que não obtenha seu consentimento, engaje seus desejos e permeie seu senso de identidade – está provavelmente fadada a não durar muito (Eagleton, 2005, p. 75).

Só que "a teoria cultural era, entre outras coisas, a continuação do modernismo por outros meios." Ora, a forma cultural dominante no modernismo é o realismo. No entanto, a civilização ocidental "tornava-se cada vez mais dependente, em suas operações cotidianas, de mito e fantasia, riqueza ficcional, exotismo e hipérbole, retórica, realidade virtual e mera aparência" (Eagleton, 2005, pp. 97, 100 e 101).

Em função disto, surgiu um movimento de pensamento na segunda metade do século XX, baseado no não-realismo, na rejeição aos valores universais e às grandes narrativas históricas, o chamado pós-modernismo. "A primeira obra filosófica a adotar a noção foi *A condição pós-moderna*, de Jean-François Lyotard, publicada em Paris em 1979" (Anderson, 1999, p. 31).

Terry Eagleton escreveu uma crítica a este movimento das décadas de 1980 e 1990 intitulada *As Ilusões do Pós-Modernismo*. Perry Anderson, em seu livro *As Origens da Pós-Modernidade*, comentando acerca desta obra de Terry Eagleton, afirma que "raramente houve uma dissecação tão eficaz e abrangente do que se poderia chamar, sardonicamente adaptando Gramsci a Johnson, o *nonsense* comum da época" (Anderson, 1999, p. 133).

A contribuição do pós-modernismo parece se encontrar em evidenciar para o homem ocidental o resultado do desenvolvimento deicida da modernidade. Nas palavras de Terry Eagleton:

> O pós-modernismo nos exorta a reconhecer que não perderemos nada com o desmoronamento dos alicerces, exceto nossas correntes. Agora podemos fazer o que queremos sem ter que ficar empurrando toda uma bagagem metafísica pesada e desajeitada a fim de nos justificarmos. (...) Agora é a cultura, não Deus nem a Natureza, que é o fundamento do mundo (Eagleton, 2005, p. 90).

Ora, o conjunto dos fatores acima apresentados em relação ao mundo Ocidental, ou seja, de um lado o surgimento de um "adversário metafísico do Ocidente" (Eagleton, 2005, p. 208), um inimigo político fundamentalista, e de outro o questionamento de suas fundações por parte da formação de vida pós-moderna, coloca a civilização Atlântica num impasse. A necessidade decorrente é assim apresentada: "O Ocidente, então, talvez tenha que produzir algumas legitimações de seu modo de vida que soem convincentes, isso bem no momento em que pensadores culturais passivos estão garantindo que tais legitimações não são possíveis nem necessárias" (Eagleton, 2005, p. 107),

Aqui se coloca exatamente aquilo que Terry Eagleton identifica como o atual desafio da Teoria Cultural e que se constitui no "novo pensar" proposto pelo autor para enfrentar a presente estrutura de coisas. A segunda metade do livro "Depois da Teoria" é um esforço do autor para mostrar as linhas principais desta nova forma de pensamento.

Um aspecto que se destaca na proposição de Terry Eagleton é a sua recorrência frequente ao texto bíblico para defender alguns pontos essenciais de sua proposta para este novo pensar demandado pelas circunstâncias contemporâneas.

Este é um traço tão surpreendente no livro de Terry Eagleton que a principal *Customer Reviews*, ou seja, "revisão do cliente" sobre a obra, postada na Amazon Book, e que foi escrita por um professor de Filosofia da Universidade do Oregon, reconhece que sua visão é uma mistura de marxismo com tomismo e que o mesmo: "Soa às vezes como um ateu assombrado com Deus, dado a atenção que o mesmo dispensa aos temas explicitamente bíblicos" (Groothuis, 2007).

Na realidade, a reabilitação da ideia de verdade, sua noção de uma natureza humana e seu discurso essencialista são elementos que se enquadram melhor numa cosmovisão teísta do que ateísta, conforme o próprio crítico reconheceu (Groothuis, 2007).

Ao defender o conceito de verdade absoluta, Terry Eagleton é forçado a combater o relativismo pós-moderno e afirmar-se contra o dogmatismo. O tipo de verdade absoluta que ele defende é aquele em que uma coisa que é verdadeira para alguém "significa verdadeira para todos os demais" (Eagleton, 2005, p. 148-151).

Assim, para ele, "verdade absoluta não significa verdade não-histórica: não significa o tipo de verdades que caem do céu, ou que nos são garantidas por algum falso profeta de Utah. Ao contrário, são verdades descobertas através de argumento, evidência, experimento, investigação" (Eagleton, 2005, p. 154). Para ele, uma afirmação como "existe um tigre dentro do banheiro" não pode ser verdadeira apenas do ponto de vista de uma pessoa.

A partir do conceito de natureza humana, que no seu ponto de vista significa "que existem certos aspectos peculiares que nos caracterizam como espécie" (Eagleton, 2005, p. 167), o autor se utiliza da tradição judaico-cristã para defender que o ser peculiar dos humanos é "a vida de caridade ou amor" (Eagleton, 2005, p. 169). O que significa nos tornarmos "a ocasião para a auto-realização uns dos outros".

A partir daí, o autor chega à conclusão: "O socialismo é uma resposta à questão do que acontece quando, (...) universalizamos a ideia de auto-realização, cruzando-a com o credo judaico-cristão ou democrático-iluminista de que todo mundo tem que estar engajado na ação" (Eagleton, 2005, p. 170)

Este é apenas um exemplo de algumas ocasiões, ao longo da segunda parte do livro, em que Terry Eagleton, a partir dos pressupostos da tradição judaico-cristã, abstrai a práxis socialista. Realmente fica difícil não lembrar da Teologia da Libertação em sua primeira fase de existência.

Outro conceito abandonado nos últimos tempos, mas defendido por Terry Eagleton, é o de moralidade. Neste particular, Eagleton condena a retirada das questões a respeito de Bem e Mal de seus contextos sociais e políticos e acusa o engano de Marx em considerar que a moralidade era apenas ideologia. Para ele, isto resultou do costume das pessoas de confundirem moralidade com moralismo. Na sua visão, "o moralismo acredita que existe um conjunto de questões conhecidas como questões morais, bastante distintas das questões sociais ou políticas" (Eagleton, 2005, p. 197).

A partir disto, ele se dedica a analisar a lei judaica ou lei mosaica que, a partir da compreensão

de São Paulo, a define como "a lei do amor e da justiça". Segue-se uma secularizada interpretação geral do sentido do decálogo, para um arremate interessante: "A ideia de que os judeus do Velho Testamento eram um bando de legalistas burocráticos é um exemplo de antissemitismo cristão. (...) A necessidade de amar o próximo não é uma invenção cristã, mas do Levítico, livro do Velho Testamento" (Eagleton, 2005, pp. 200, 201). Na compreensão de Terry Eagleton, os dez mandamentos se constituem em uma codificação da forma de amar e foram assim codificados, em parte, porque os pobres precisam da lei para sua proteção.

Depois destas análises, acusa os descaminhos da política distanciada da moralidade, a ponto de haver se tornado nos dias atuais "quase que o oposto do ético" (Eagleton, 2005, pp. 202, 203).

Por outro lado, também demonstra a inutilidade dos esforços de parte do pensamento de esquerda tradicional em estabelecer valores como "a ideia de justiça sobre uma base científica". Ele pergunta: "Em nome de quê, exatamente, você denunciava o capitalismo, a escravidão e o machismo?" (Eagleton, 2005, p. 203).

O objetivo de Terry Eagleton é encontrar um fundamento materialista para a moralidade. Novamente, ele recorre à tradição judaico-cristã, desta vez a exemplos tirados do Novo Testamento. Ele se inspira na concepção de salvação veiculada no Evangelho de Mateus, em que ela se resume a "um enfadonho negócio material de alimentar os famintos, vestir os nus e visitar os doentes. Em típico estilo judaico, a salvação é um assunto ético, e não cultual" (Eagleton, 2005, p. 210).

A partir desta compreensão, muito mais judaica do que cristã, ele se inspira a lançar uma fundamentação para a moralidade. Nas suas palavras: "Dizer que a moralidade é basicamente um assunto biológico é dizer que, em última análise, e como tudo o mais a nosso respeito, ela está enraizada no corpo" (Eagleton, 2005, p. 211).

Conclusão

Por fim, um último grande debate do autor é com o problema das fundações, quanto ao fato de exaurir as justificativas, de alcançar a "rocha viva". Ele critica a ideia de Deus como causa primária e fundamento autofundante. Relembra o deicídio perpetrado pela modernidade e seu corolário, a morte do homem. Aponta os candidatos alternativos a fundamento: Natureza, Razão, História, Espírito, Poder, Produção, Desejo, Cultura (Eagleton, 2005, pp. 259, 263).

A proposta de Terry Eagleton é que a natureza humana, o ser-da-espécie, seja tida como a justificativa última. Para ele, "há uma diferença entre acreditar em fundamentos e ser um fundamentalista. Você pode acreditar que existem fundamentos para a cultura humana sem ser um fundamentalista" (Eagleton, 2005, p. 267).

Numa avaliação final, não me parece que Terry Eagleton traga propostas inovadoras. No entanto, fica o reconhecimento do valor de seu esforço para traçar os pontos principais de um novo substrato teórico explicativo da experiência humana neste início do terceiro milênio.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Perry**. As Origens da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

EAGLETON, Terry. **Depois da Teoria: Um olhar sobre os Estudos Culturais e o Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FERREIRA, Argemiro. As Redes de TV e os Senhores da Aldeia Global. In: **Rede Imaginária: Televisão e democracia.** Organização Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

FOLHA DE SÃO PAULO. 09 de Março de 1997.

GIROUX, Henry A. Memória e Pedagogia no Maravilhoso Mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Alienígenas na Sala de Aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação.** 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GROOTHUIS, Douglas. *Waking Up From Theory*. Disponível em: Amazon.Com Disponível em: http://www.amazon.com/After-Theory-Terry Eagleton/dp/0465017746/ref=pd_bbs_sr_1/103-01254012845447?ie=UTF8&s=books&qid=1180018228&sr=1-1. Acesso em 24 Mai. 2005.

HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações: E a recomposição da Ordem Mundial.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo Crítico**. 3ª ed. São Paulo: Cortez: Instituto

Paulo Freire, 2000.

NAISBITT, John & ABURDENE, Patrícia. **Megatrends 2000: Dez novas tendências de transformação da sociedade nos anos 90**. São Paulo: Amana-Key, 1990.

ROLNIK, Suely. A Multiplicação da Subjetividade. In: **Folha de S. Paulo**. 19 de maio de 1996.

TARNAS, Richard. **A Epopéia do Pensamento Ocidental: Para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Recebido em 2025-05-01
Revisado em 2025-08-14
Aprovado em 2025-08-23